



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



A CONSTITUIÇÃO DO JOVEM COMO SUJEITO SOCIAL: PERSPECTIVA E DESAFIOS DO RECONHECIMENTO DA JUVENTUDE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Thiana do Eirado Sena de Souza[1]

Maria de Cássia Passos Brandão Gonçalves[2]

Luziê Maria Fontenele Gomes[3]

Eixo Temático: Educação, Trabalho e Juventude

Resumo: Neste trabalho serão apresentados os resultados da pesquisa realizada com estudantes da EJA, na idade de 17 a 23 anos, em uma escola da rede pública de ensino do município de Jequié – BA, com a finalidade de abordar o processo de juvenilização da Educação de Jovens e Adultos e os fatores que contribuem para o processo migratório de jovens do ensino "regular" para esta modalidade de educação. O texto está organizado em quatro partes: a primeira aborda o jovem como sujeito social; a segunda a relação EJA e juventude; a terceira EJA e mercado de trabalho e a quarta parte trata da representação social da escola e os jovens. A análise aponta para a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas e práticas pedagógicas que priorizem as especificidades e necessidades dos jovens, oportunizando a construção de uma escola pública que proporcione a emancipação humana dos sujeitos.

Palavras Chave: Educação de Jovens e Adultos. Escola e Juventude. Juvenilização da EJA.

Abstract: This paper presents the results of a research conducted with young and adult students, from 17 to 23 years old, in a public school of Jequié - BA, in order to approach the process of juvenilization in young and adults education and the factors that contribute to the migration process of young students from "regular" teaching to EJA modality. The text is organized into four sections: the first one deals with the young student as a social individual, the second part presents the relations between EJA and youth, the third presents the associations between EJA and the labor market, the fourth broaches the social representation of school and the young students. The analysis points to the needing of developing pedagogical practices and public policies that prioritize the specificities and needs of young people, allowing the construction of a public school that provides the individual human emancipation.

Keywords: Juvenilization of EJA. School and Youth. Young and Adults education.

O caminho inicial da pesquisa

Este trabalho é parte integrante da pesquisa realizada durante o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),

do curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), que teve como objetivo discutir a noção de juventude na perspectiva sociológica. Isso por compreendermos que o contexto social, político e cultural do qual os sujeitos jovens estão inseridos, ou seja, a cultura juvenil, é um aspecto relevante para se repensar a educação ofertada às turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em sua maioria composta de um público jovem que, apesar ser marcado por um percurso escolar acidentado, com reprovações e evasões precisa ser visto também com um olhar "não escolarizado", a fim de que as necessidades, especificidades e aprendizagens construídas nos demais espaços possam dialogar com as propostas curriculares e práticas pedagógicas.

O processo metodológico deste artigo se fundamentou na abordagem qualitativa por esta valorizar a relação de historicidade, valores, crenças, representações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, proporcionando-nos conhecer e compreender a história de vida dos jovens entrevistados. Salientamos que a nossa escolha pela pesquisa qualitativa, evidencia-se por esta nos oportunizar não apenas o recolhimento de dados mais aprofundados, como nos propiciar uma maior interação com os jovens, estudantes da EJA, no sentido de ouvir e dar voz para que possam descrever as suas histórias, traçar o seu perfil, relatar as suas experiências como jovens, estudantes, cidadãos que têm por direito à educação (RAUPP; BEUREN, 2004).

Para uma melhor compreensão e aprofundamento de conhecimentos acerca do processo juvenilização da EJA, optamos por desenvolver um estudo de caso em uma escola pública da rede municipal de Jequié. Isso porque, segundo Raupp e Beuren (2004), o estudo de caso nos possibilita informações detalhadas sobre o fenômeno investigado, favorecendo um maior conhecimento e possibilidade de análise e interpretação das questões inerentes à pesquisa. Em consonância com a abordagem qualitativa e com os fins desta pesquisa, utilizamos para obtenção dos dados necessários à realização desta investigação as narrativas de vida, baseadas em entrevistas semiestruturadas realizadas com os jovens, estudantes de turmas de EJA, no período entre março e abril do ano de 2012.

As narrativas de vida nos proporcionaram uma maior compreensão acerca de aspectos relacionados à subjetividade dos jovens, estudantes da EJA, bem como o entendimento da relação existente entre as histórias individuais dos jovens e as histórias sociais, incluindo o espaço social da escola.

A escola, campo desta pesquisa, oferece vagas para o Ensino Fundamental I e II "regular" durante o turno diurno e a modalidade de EJA no turno noturno, segmentos I e II[4], correspondente ao Ensino Fundamental. Atualmente, são 110 alunos matriculados nesta modalidade de educação e 7 professores que atuam nas turmas de EJA. Além desses alunos e professores, a escola possui outros 592 alunos matriculados no turno diurno e mais 40 professores que atuam especificamente neste turno e 29 funcionários de apoio que auxiliam nos três turnos de funcionamento da instituição.

Participaram diretamente desta pesquisa 10 estudantes do II segmento do Ensino Fundamental, da modalidade da EJA, com idade entre 17-23 anos. A escolha desses alunos obedeceu à faixa etária do desenvolvimento humano relacionado à juventude estabelecida nos documentos legais do Conselho Nacional de Juventude. Além disso, colocamos como critério o desejo de cada aluno participar do processo de entrevista realizado individualmente.

A juventude como construção social

Entender a juventude como construção social nos remete a percebê-la como categoria heterogênea formada por uma diversidade no que tange o universo social dos jovens que a compõe, principalmente, quando se trata de diferentes contextos (DAYRELL, 2003).

Quando abordamos o jovem como sujeito social, enfatiza-se que este se configura como um ser humano aberto a um mundo de historicidade com anseios e desejos próprios que se relaciona com outros sujeitos. Esta análise compreende o ser humano a partir do contexto no qual está inserido e conforme as trocas que

ele realiza constantemente com os outros indivíduos.

A noção de sujeito social para Dayrell ampara-se nos estudos de Bernard Charlot (*apud* DAYRELL, 2003) que caracteriza este como sujeito ativo no que se refere às relações sociais que estabelece. Tendo como aporte teórico estes estudos, Dayrell afirma:

O sujeito é um ser singular, que tem história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim, como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e singularidade. [...] o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere. (2003, p.43)

Com isso, tanto Charlot quanto Dayrell (2003) preconizam o processo de constituição do ser humano. À medida que o sujeito desenvolve suas potencialidades inerentes à espécie, e que se caracteriza como tal, também se relaciona com o mundo, e como ser social se constitui na relação com outro.

Para Dayrell (2003, p.43), "o homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere". Daí, Charlot (*apud* DAYRELL, 2003) afirmar que todo ser humano é sujeito, e o que caracteriza este como tal é a qualidade das relações sociais que ele estabelece com o meio do qual faz parte.

Essa manifestação do ser juvenil também perpassa para a transformação dos espaços físicos em espaços sociais dotando estes de significados e sentidos próprios, como nos relata Pais (*apud* DAYRELL, 2007) enfatizando que a condição juvenil, além de ser construída nas interações sociais apresenta também uma configuração espacial. Ao apropriar-se dos espaços físicos, os jovens produzem territorialidades transitórias utilizando-se desta como maneira para expressarem comportamentos contrários aos padrões impostos por uma sociedade excludente e injusta.

A existência de regras sociais enquadra os jovens no que Carvalho (2009) chama de "duas juventudes", e o que Bourdie (*apud* CARVALHO, 2009) entende como idade biológica e idade social. A primeira relacionada às regalias inerentes a esta etapa da vida como o estudo, a irresponsabilidade, o lazer, o tempo, o sonhar. Já a segunda insere os jovens de maneira primitiva no disputado mercado de trabalho preconizando responsabilidades referentes às suas necessidades sociais. O que constata a antecipação da vida adulta no que compete ao compromisso com as responsabilidades características da fase da juventude.

É na sociedade contemporânea, fundamentada nos princípios da demanda do mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e em constante transformação, que observamos jovens na idade, entretanto, configurados como adultos pelas regras sociais que muitas vezes os impedem de vivenciarem seus direitos de desenvolvimento pleno da juventude.

Ainda dissertando sobre o mundo juvenil e a emergência da juventude como sujeito social, Reguillo (*apud* CARRANO) nos aponta três elementos:

1. As inovações tecnológicas e suas repercussões na organização produtiva e simbólica da sociedade – aumentam as expectativas e a qualidade de vida – as pessoas passam mais tempo na escola;
2. A oferta de consumo cultural a partir da emergência de uma nova e poderosa indústria cultural;
3. O discurso jurídico que estabelece o contrato social que prevê formas de proteção e punição aos infratores – as políticas públicas tutelares orientadas

para o controle do tempo livre juvenil – a ausência de políticas que apostem na autonomia, na organização e naquilo que os jovens podem fazer sozinhos e com a colaboração dos adultos. Políticas do controle e da percepção do jovem como um carente, um vulnerável ou perigo iminente. (2007, p. 58-50)

Diante dos elementos abordados pelo autor, podemos inferir acerca dos muitos acordos que definem a condição juvenil na sociedade, fazendo-nos perceber as muitas maneiras de ser jovem e de identificar as diversas formas de expressão juvenil nos diferentes grupos sociais. O processo de desenvolvimento juvenil é dinâmico decorrendo dos sentidos que este dá ao meio no qual está inserido e das atividades que o envolve, mediante a interpretação acerca do lugar social que ocupa, da bagagem cultural construída ao longo da sua trajetória e da existência de características regionais comum ao seu grupo social (FERRARI; AMARAL, 2005).

As inúmeras transformações que vêm ocorrendo em nossa sociedade e que afetam diretamente o cotidiano das novas gerações e, conseqüentemente, os processos de socialização dos indivíduos nas diversas instituições acabam promovendo a problematização da condição juvenil com base na existência de novas demandas referentes a um novo modo de ser jovem na sociedade atual.

Para Dayrell, existe uma dupla dimensão quando se trata de condição juvenil, o autor destaca que essa condição:

Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significados a esse momento do ciclo de vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais-classe, gênero, etnia etc. (2007, p. 1108)

É preciso nos atentar para as modificações culturais, sociais e econômicas que ocorreram nos últimos tempos, fruto da globalização desenfreada e da entrada dos jovens no mundo do trabalho. A categoria juvenil encontra-se em uma tensão constante entre a necessidade de remuneração imediata para sua sobrevivência e um projeto concreto de futuro. Com base na relação juventude/trabalho, os jovens enfrentam um percurso escolar tenso e repleto de conflitos, com sucessivas repetências e evasões em seu processo educativo. A educação é condicionada aos parâmetros de exigência sociais impostos pela sociedade globalizada e ocidental, demandando uma nova reflexão sobre o papel da escola na formação desses sujeitos e o que esta se propõe em meio a um cenário cada vez mais capitalista, no qual nos encontramos inseridos.

Considerando a escola um lugar social privilegiado por propiciar aos indivíduos um processo amplo de socialização e formação, a inserção dos jovens na instituição escolar acaba por impor a esse grupo uma característica do mundo adulto, desprezando sua historicidade não o reconhecendo como agente de sua própria história.

Relação Juventude/Escola: perspectivas e desafios da Educação de Jovens e Adultos

Para abordarmos a relação juventude/escola é necessário que seja contextualizado o processo de massificação da escola pública, o que possibilitou uma maior presença dos jovens, oriundos de classes populares, na rede pública de ensino, até então restrita aos jovens de classes sociais médias e altas. E, também seja tratada a educação de jovens e adultos e, mais recentemente, o processo de juvenilização desta modalidade.

Segundo Dayrell (2007), a escola pública ao preconizar a homogeneidade no que tangem as habilidades, conhecimentos e projetos “ver seus muros ruírem”, com a entrada cada vez maior da juventude em seu

ambiente. Estudantes com características heterogêneas, vivenciando realidades sociais desiguais, marcadas pela pobreza e violência.

Em meio a um sistema público de ensino que pouco zela pela qualidade da educação ofertada, este público vê seus anseios e expectativas negados pela própria estrutura da escola. Os jovens chegando à escola não são reconhecidos como sujeitos de direito, como assevera Dayrell "se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogos com os sujeitos e sua realidade" (2007, p. 1117).

É diante deste quadro de democratização da educação brasileira que se tem o aumento da demanda de alunos jovens com defasagem idade/série e, conseqüentemente, a matrícula de pessoas jovens na modalidade da educação de jovens e adultos, anteriormente, voltada apenas para o público adulto. Para Carvalho, o ingresso do jovem na modalidade da EJA retrata,

As deficiências do sistema de ensino regular público, como a evasão, repetência, que ocasionam a defasagem idade/série, a possibilidade de aceleração de estudos (como o fato de concluir em menor tempo o Ensino Fundamental e Médio) e a necessidade do emprego, contribuem para a migração dos jovens à EJA. (2009, p.7804)

Garantida pela Constituição Federal de 1988 e Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394, de 1996, a EJA é destinada àquelas pessoas que por diversos motivos interromperam seus estudos na idade regular retornando a escola para dar prosseguimento a sua trajetória escolar. Neste aspecto, a lei favorece a matrícula de jovens, a partir de 15 (quinze) anos, na modalidade da EJA. Fato que vem contribuindo para o aumento significativo dos jovens em turmas de EJA e ocasionando a necessidade de novos professores, estrutura física e reestruturação do trabalho pedagógico (SOARES, 2002 *apud* CARVALHO, 2009).

Para Dayrell e Maia (2011), a diversidade do público da EJA faz com que a sala de aula possa ser analisada na perspectiva da fronteira cultural[5]. Ou seja, como um espaço com espacialidades simbólicas entre grupos que expressam diferentes compreensões da realidade, normas e valores, visões de mundo e culturas diversas. Isso porque, os sujeitos que constituem o público da EJA estabelecem entre si relações intergeracionais bastante complexas que envolvem paradoxalmente trocas e intercâmbios, mas também conflitos e tensões. A comunicação desses grupos etários propicia a alteração no diálogo de ambos envolvidos por não compartilharem os mesmo códigos.

Diante das relações intergeracionais estabelecidas no contexto escolar, a escola como instituição socializadora precisa se atentar para as diversas apropriações e significados que os estudantes dão aos espaços disponibilizados nelas. Onde ao partilharem experiências acabam por construir seus próprios territórios com base nas identificações que vão sendo feitas no convívio com seus próprios grupos. Estes grupos são formados, quase sempre, por indivíduos com a mesma faixa etária e com interesses comuns que se relacionam dentro e fora do ambiente escolar.

A influência de fatores ligados à condição juvenil, as relações intergeracionais, as representações sociais e a cultura escolar são fatores que determinam o processo de constituição dos jovens em alunos e é visto por Dayrell (2007) como um dos grandes desafios da escola frente ao processo de juvenilização evidenciados no âmbito escolar, cujos velhos modelos e práticas educativas são colocados em questão num espaço permeado por novas tensões e conflitos.

As relações de conflitos e tensões são vivenciadas também entre alunos e professores, por esses colocarem a prova a autoridade docente como forma de contestação das relações de poder e de um currículo rígido que não contempla a realidade na qual o jovem encontra-se inserido. A escolha dos conteúdos e a forma de serem transmitidos muitas vezes não preconizam a relação com a vida cotidiana

dos sujeitos e o aluno acaba por não atribuir sentido ou significado, ao mesmo tempo em que dificulta a aprendizagem do aluno e o interesse pela escola.

Arroyo (2011), afirma que diante as transformações sociais, culturais, de valores e na forma de pensar, os jovens chegam à escola com uma identidade pós-moderna, caracterizados como hiper-realizados, consumistas e sem referências, o que afeta diretamente nos processos disciplinares e de aprendizagem. Essas modificações nas estruturas da sociedade trazem novos desafios para a educação, dentre eles o reconhecimento desses jovens, inseridos na EJA, a partir do seu tempo e percurso social. São esses elementos que os legitimam como sujeitos de direitos ao conhecimento em sentido amplo, ou seja, da realidade social, das experiências humanas e dos saberes, valores e culturas.

Para Arroyo (2011), a educação de jovens adultos ao se constituir como modalidade de educação, ultrapassa os limites da escolarização e da era de transmissão de conteúdos, relacionando-se ao processo educativo voltado para a formação humana de sujeitos (e não simplesmente alunos) que estão situados em um tempo de vida e que possuem especificidades próprias.

Trabalho, Escola e Juventude

As profundas transformações ocorridas em nossa sociedade, principalmente no que engloba o mundo do trabalho, influenciaram diretamente o sistema educacional público do nosso país. A necessidade de estar cada vez mais preparado para "adentrar" o competitivo mercado de trabalho constitui-se um dos grandes desafios da escola. Estabelece-se um novo princípio educativo pela qual a sociedade busca formar intelectuais/trabalhadores e cidadãos/produtores com o intuito de atender as novas demandas impostas pela globalização da economia e pela lógica produtiva (KUENZER, 2003).

Os jovens, principalmente os oriundos das camadas populares, tem ingressado cada vez mais cedo no mundo do trabalho. A juventude se insere no mundo do adulto assumindo responsabilidades que não pertencem a seu universo. Como discorre Bourdie (*apud* CARVALHO, 2009), há a existência de duas juventudes: a idade biológica e a idade social, ambas impostas pelas regras sociais.

A análise dos dados da pesquisa evidencia que 3 (três) estudantes encontram-se na idade biológica da juventude definida por Bourdie (*apud* CARVALHO, 2009), como o direito ao estudo, as irresponsabilidades e ao lazer. Os outros 7 (sete) entrevistados se enquadram no que o autor chama de idade social, ou seja, encontram-se inseridos no mercado de trabalho e com as responsabilidades do mundo adulto.

A relação existente entre ingresso no mercado de trabalho e idade foi um dos questionamentos feito durante nossa entrevista. Ao analisarmos os dados obtidos, evidenciamos o número elevado de alunos trabalhadores que estão presentes nas turmas de EJA que tiveram uma entrada prematura no mercado de trabalho pela necessidade de ajudar financeiramente nas despesas da família, referentes aos custos com a alimentação, contas de luz e água, compra de botijão de gás e despesas extras, que porventura aparecem no decorrer do mês. As funções desempenhadas pelos estudantes são variadas, a saber: ajudante de pedreiro, multioperador de máquinas, cabelereira, manicure, lavador de carros entre outras.

Entretanto, nem sempre é o trabalho a justificativa utilizada pelos jovens para terem migrado do ensino regular para a EJA. Observemos as respostas dos jovens quando questionados acerca desta mudança.

1. *"Porque não me pegava minha idade. De tarde não me pegava porque só tinha criança. E de manhã já tinha terminado, só tinha a noite" (Ananda[6])*
2. *"Quando eu estudava de manhã a idade não permitia mais" (Denise)*
3. *"Pelo motivo de trabalho. Porque trabalho durante o dia" (Rafael)*
4. *"Porque pra tentar recuperar o tempo perdido e me estabilizar futuramente"*

(Camila)

5. *"Porque eu estava afastada do colégio e tinha que aprender mais para ser alguém na vida e incentivar meus filhos também"* (Mariana)

6. *"Porque é bom, são duas séries"* (Eduardo)

7. *"Pra adiantar"* (Daniel)

A análise das falas citadas pressupõe identificar 4 (quatro) fatores que contribuem significativamente para a procura da EJA por estes jovens. A primeira está relacionada à defasagem idade/série vivenciada por eles no ensino "regular", decorrente de sucessivas reprovações durante sua trajetória escolar. Dos 10 (dez) estudantes que participaram da pesquisa, 80% são repetentes, tendo sido reprovados de 1 a 3 vezes no seu percurso na escola, os outros 20% evadiram-se da escola por conta da constituição familiar e da mudança de cidade.

A prematura entrada no mercado de trabalho também se constitui como o segundo fator explícito pelos estudantes quanto a sua preferência em estudar na EJA. O trabalho é fruto da atividade humana intencional que pressupõe a adaptação dos sujeitos às necessidades de sobrevivência (PARANÁ, 2006), principalmente, para os jovens das classes populares que assumem precocemente as responsabilidades da vida adulta ocupando ofertas de trabalho disponíveis e muitas vezes em condições precárias de trabalho e com uma baixa remuneração. Neste sentido, o aumento da escolaridade oportuniza a este público maiores chances de conseguir empregos formais (CARRANO, 2007).

O terceiro fator que motivou os alunos entrevistados a migrarem para a EJA é a questão da possibilidade de aceleração dos estudos, ou seja, a rápida conclusão do Ensino Fundamental II (no caso específico desta pesquisa) em apenas 2 anos[7]. A flexibilização do ensino foi regulamentada pela Lei nº 5.692, de 1971, oportunizando nos cursos destinados àquelas pessoas que não concluíram na escolaridade obrigatória a seriação com a característica de aceleração viabilizando a conclusão de um grau de ensino em um tempo mínimo, metade do tempo disponibilizado para a conclusão no ensino regular (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001).

O quarto e último fator tido como motivacional da matrícula dos alunos entrevistados na modalidade de Educação de Jovens e Adultos é a relação entre educação e mobilidade social. Falas como *"[...] me estabilizar futuramente"* e *"[...] para ser alguém na vida"* abordam as expectativas dos jovens quanto ao seu processo educacional, a futura preparação para um melhor posicionamento no mundo do trabalho e, posteriormente, uma ascensão quanto ao seu nível social. Ressaltamos que muitos teóricos, como exemplo Dayrell (2002), afirmam que para a maioria dos jovens das classes populares a perspectiva de mobilidade social por meio da escola e/ou trabalho não se constitui mais como alternativa, contudo, a fala dos sujeitos da pesquisa ainda acena a escola e o conhecimento nela disponibilizado como propulsor de uma futura melhoria em sua qualidade de vida.

As motivações, expectativas e representações sociais dos alunos em relação ao trabalho e a escola têm ligação direta com as suas histórias de vida e seu processo de formação escolar, preconizado de acordo com a realidade social, cultural, econômica e política na qual esta juventude está inserida. A busca pelo conhecimento e por uma melhor qualidade de vida levam homens e mulheres, jovens, a se matricularem em uma modalidade educacional, antes pensada em atender a adultos que não concluíram seus estudos em uma etapa específica da vida, e que frente à constituição de um público cada vez mais heterogêneo tem esquecido a sua função primordial, amparada pela Constituição Federal de 1988, que prevê não só a formação para o mercado de trabalho como também para o desenvolvimento pleno da cidadania.

A escola na perspectiva do jovem

Sem dúvida, a escola é um espaço social permeado por inúmeras relações estabelecidas com base em apropriações constantes dos seus espaços, normas, práticas e saberes que configuram a vida escolar dos sujeitos inseridos no seu cotidiano (DAYRELL, 1996). A representação social da escola para seus alunos é algo pessoal e singular, expressa nas apropriações que cada um faz do seu percurso escolar diante do seu processo de formação humana e de aprendizagem.

Compreender a relevância da escola para os jovens durante as diversas etapas de sua vida, a contribuição dos conhecimentos adquiridos nela para o seu cotidiano e a importância dela na vida de seus sujeitos é o ponto de análise desta categoria.

O primeiro contato dos estudantes participantes da nossa pesquisa com a escola varia bastante no que tange a idade de inserção destes no ambiente escolar entre 3 e 10 anos, sendo a Creche apontada por 20% dos estudantes entrevistados como o primeiro espaço educativo de sua convivência. Dado que desconstrói a ideia de que a EJA é voltada para aqueles que não tiveram oportunidade de frequentar a escola na idade própria.

As relações estabelecidas na convivência escolar inicial desses jovens, ou seja, na etapa inicial no processo de aprendizagem se caracterizam como fundamental para a compreensão dos aspectos presentes no processo escolar que são significantes na trajetória de vida desses sujeitos. Além das relações estabelecidas entre professor/aluno, 60% dos alunos entrevistados recordaram fatos relacionados à aprendizagem inicial da leitura e escrita, ao processo inicial de alfabetização, as amizades e as brincadeiras entre colegas. Os outros 40% não souberam responder ou mesmo disseram não haver recordações marcantes da escola em seu processo de formação ou desenvolvimento.

Esses dados nos revela que muitos são os jovens que passam pela escola e não veem sentido nenhum em um espaço pensado para ser o propulsor do desenvolvimento social, cognitivo e cultural dos indivíduos. E, conseqüentemente, a crise da escola pública, que frente a um processo de intensas modificações sociais, tecnológicas, científicas, econômicas e culturais não buscou se reestruturar, a fim de criar espaços de diálogo com os novos sujeitos que estão inseridos em seu contexto.

A presença da categoria juventude no ambiente escolar quase sempre é vista sob a ótica da irresponsabilidade, rebeldia e indisciplina pelos profissionais de dentro da escola que não conhecem os diversos modos de ser jovem na sociedade atual, não entendendo que os jovens que frequentam, principalmente, as turmas de EJA são seres humanos inseridos em um sistema social perverso, que mesmo assim, refletem sobre suas condições e experiências de vida, manifestando posições contrárias à lógica estabelecida e que desejam uma melhoria de vida. Segundo Dayrell, é nesse processo de reflexão e ação que "cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito, um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém" (2002, p. 3).

Na sala de aula da EJA estas relações são percebidas facilmente, e mesmo diante a uma turma bastante heterogênea, no que tange o perfil geracional, os maiores obstáculos e conflitos encontrados são referentes às relações professor/aluno. Essa tensão que permeia a relação professor/aluno é notada em nossa entrevista no que diz respeito às atividades desenvolvidas na escola e que na perspectiva dos alunos são importantes. As respostas evidenciam que as disciplinas ou atividades que são tidas como mais importantes, na opinião dos estudantes, são relacionadas às disciplinas que eles têm mais afinidade com os professores[8]. Os conteúdos trabalhados em sala e a forma como são transmitidos pelos docentes são relevantes para despertar o interesse do aluno pela escola e possibilitar uma aprendizagem significativa.

Este se configura como um dos grandes desafios da escola pública, construir um currículo que contemple a realidade do estudante e que possibilite a este fazer relação dos conteúdos científicos estudados na escola com a vida cotidiana de seus sujeitos. Dos 10 (dez) entrevistados, 9 (nove) afirmaram que os conteúdos trabalhados na escola contribuem para a resolução de situações vivenciadas em seu dia a dia. Entretanto, a contribuição dos conteúdos limita-se a atividades utilitárias, ou seja, àquelas que necessitam da leitura,

escrita e resolução de operações matemáticas (utilizadas nas contas de supermercado e despesas de casa).

O processo de juvenilização vivenciado de forma intensa na EJA nos leva a perceber a necessidade de reorganização do currículo escolar, preconizando a ruptura com os modelos tradicionais de educação, que têm os conteúdos como fins em si mesmos, ou no caso da EJA numa relação apenas utilitária. A construção de uma nova proposta curricular deve estar embasada nas especificidades dos sujeitos, a fim de priorizar uma seleção de conteúdos que sejam significativos para suas vivências, mas que também sejam meios para o desenvolvimento de capacidades psicológicas superiores, tornando possível a efetivação do aprender a aprender, do desenvolvimento da autonomia - função maior da educação escolarizada. O desenvolvimento de novas práticas educativas certamente despertará nos educandos o interesse em conhecer assuntos e temas que estão diretamente relacionados às atividades desenvolvidas em seu cotidiano, favorecendo a formação de sujeitos críticos que atuem ativamente na sociedade em que estão inseridos.

Sob esta perspectiva, a escola deixará de ser vista apenas como preparação para o mercado de trabalho e de possibilidade para ascensão econômica dos estudantes, fato percebido nas falas dos sujeitos participantes da pesquisa quando questionados sobre a importância da escola para a sua vida.

De acordo com Gómez (1998), o processo de socialização da escola é plural e complexo, dividido entre a preparação de seus alunos para o mercado de trabalho e a formação do cidadão para a intervenção na vida pública defrontando-se com as contradições da função social da escola. Neste sentido, a função social da EJA se pauta no mundo do trabalho e no desenvolvimento de práticas sociais tendo como finalidade e objetivo o compromisso com a formação humana de seus sujeitos, possibilitando a estes a consciência crítica e ética, como também "o compromisso político para o desenvolvimento da sua autonomia intelectual" (PARANÁ, 2006, p. 27).

A escola é vista por esses estudantes como uma possibilidade de transformação social frente à vivência de uma sociedade desigual e cada vez mais injusta que impregna nestes jovens a ideia de uma escola igualitária e acessível a todos, reforçando cada vez mais a concepção que o ser humano "chega onde suas capacidades e esforços pessoais lhe permitem" (GOMÉZ, 1998, p. 2). A mobilidade social que tanto almejam ampara-se na continuidade dos estudos e no ingresso a uma faculdade em cursos de projeção financeira como medicina, advocacia, enfermagem, medicina veterinária que os oportunize a um "bom emprego" e a "ajudar a família".

A guisa de considerações

Em seu percurso histórico, a EJA se caracterizou pela luta e conquista dos setores populares e movimentos sociais ao direito à educação para as pessoas que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos na "idade própria". Pensar a EJA como uma modalidade de educação nos remete a compreender que esta ultrapassa a transmissão de conteúdos científicos e refere-se aos processos educativos mais amplos voltados para a formação humana de seus sujeitos. Nesta perspectiva, os sujeitos da EJA devem ser analisados dentro de um determinado tempo de vida, com especificidades próprias e que chegam à escola com inúmeras experiências, conceitos e valores que retratam seus anseios, desafios e expectativas quanto ao seu processo de formação.

Em meio a um público bastante heterogêneo, a EJA vivencia hoje um período de múltiplos desafios e discussões devido à procura cada vez mais cedo dos jovens por esta modalidade educacional. A opção pela matrícula na EJA também nos apresenta diferentes motivações, os jovens entrevistados ressaltam a defasagem idade/série proveniente de sucessivas reprovações no seu processo de formação, a prematura entrada no mercado de trabalho, a aceleração dos estudos devido a uma política de certificação mais rápida, oportunizada por esta modalidade de educação e o pensamento difundido e internalizado por

muitos sujeitos de que o acesso à educação possibilitará uma melhor posição social. Dentre estes fatores, a relação trabalho e EJA se configura como elemento relevante da migração desses jovens do ensino regular para as turmas desta modalidade. Atualmente, a classe trabalhadora que frequenta as salas de aulas da EJA é formada por jovens que adentram cada vez mais rápido o mundo do trabalho por necessidades financeiras, esses associam o trabalho e a escola como precursores de um futuro mais confortável que lhes traga uma melhor qualidade de vida.

As contribuições referentes às respostas das questões tratadas nesta pesquisa abordam também as expectativas e interesses comuns e particulares dos estudantes sobre a importância da escola na sua vida, onde todos evidenciaram a perspectiva de continuidade dos estudos atrelada à formação universitária em cursos diversos como direito, medicina, enfermagem, dentre outros citados. Adiciona-se ainda a esta questão a mobilidade social pretendida, a partir da conclusão dos estudos e do acesso a um emprego de melhor posição e remuneração.

Ressaltamos que os resultados obtidos nesta pesquisa dizem respeito a determinados sujeitos situados em um tempo histórico e com histórias de vidas singulares e por isso se configuram como dados provisórios em meio aos diversos desafios que desenha o cenário da EJA. Entender os aspectos referentes às histórias de vida dos sujeitos que constituem a EJA, seus anseios, necessidades e perspectiva acerca do seu processo de formação e aprendizagem, é fundamental para se pensar a construção de um currículo específico para esta modalidade que contemple a formação integral de seus alunos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARRANO, P. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007.

CARVALHO, R. V. A juventude na Educação de Jovens e Adultos: uma categoria provisória ou permanente **9º Congresso Nacional de Educação/ 3º Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Paraná, 2009.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____ (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996. p. 136-161.

DAYRELL, J. Juventude, produção cultural e escola. **Caderno Pedagógico**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 40-54, 2002.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.

DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J.; MAIA, C. V. V. L. Juventude e relações intergeracionais na EJA: apropriações do espaço escolar e sentidos da escola. In: SILVA, Isabel de Oliveira e; LEÃO, Geraldo (orgs.). **Educação e seus atores: experiências, sentidos e identidades**. 140. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2011. p. 1-117.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedex**, ano XXI, nº 55, nov. 2001.

FERRARI, S. C.; AMARAL, S. O aluno da EJA: jovem ou adolescente **Revista da Alfabetização Solidária**, São Paulo, Unimarco, v. 5, n. 5, p. 7-14, 2005.

GÓMEZ, A. I. P. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GIMENO SACRISTÁN, J.;

GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 13-26.

JEQUIÉ. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **Resolução nº. 03**, de 5 de novembro de 2008.

KUENZER, A. Z. As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão. In: FERREIRA, Naura S. Carapeto (org.). **Gestão democrática da educação**: atuais tendências, novos desafios. São Paulo: Cortez, 2003.

MACEDO. E. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n.32, p. 285-293, mai./ago., 2006.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação (SEED). **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba, 2006.

RAUPP, F. M; BEUREN, I. M. Metodologia de pesquisa aplicada as ciências sociais. In: BEUREN, I. M.(Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2004. p. 76-97.

[1] Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié/BA, integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (NEPEJA). E-mail: .

[2] Pedagoga; Mestre em Educação; Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié/BA; Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (NEPEJA). E-mail:.

[3] Licenciada em Letras; Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens; Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié/BA; Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (NEPEJA). E-mail: luzietfontenele@gmail.com.

[4] Nomenclatura utilizada para as turmas de EJA das escolas da rede municipal de Jequié, de acordo com a Resolução nº 03, de 5 de novembro de 2008.

[5] Este termo vem sendo discutido e utilizado nos estudos relacionados a Currículo e Cultura, por autores denominados pós-coloniais, como Bhabha (1998), Hall (2003) e García Canclini (1998) dentre outros. A ideia de fronteira cultural relaciona-se à interação de culturas diferentes em um mesmo ambiente (MACEDO, 2006).

[6] Os nomes que aparecem neste trabalho são fictícios, visando guardar a identidade dos entrevistados.

[7] As Diretrizes Municipais para a Educação de Jovens e Adultos do município de Jequié (Resolução 3/2008) pressupõe uma organização do Ensino Fundamental, na modalidade da EJA em 5 anos de estudos, tendo o I segmento do ensino fundamental a duração de 3 anos e o II segmento a duração de 2 anos.

[8] Este fato foi perceptível não só durante a realização da entrevista, mas também no período em que estivemos presentes na escola.